

até dez, onze horas da noite numa mesinha do quarto dele, estudávamos, calculávamos, desenhávamos e, enfim, praticávamos todos os exercícios do dia. Onze horas, o mais tardar, suspendíamos os estudos, indo eu para casa. Isso durou mais de um ano. E íamos bem nos estudos. Mas desde o primeiro dia em que entrara na casa, me impressionou profundamente a figura da irmãzinha dele. Era uma menina já de doze anos mas aparentava uns quinze, porque era alta. Bem viva, branca, de trato finíssimo, uma figura encantadora. Cabelos loiros, olhos castanhos, pele fina, rosada, um sorriso permanente nos lábios. Muito atenciosa, delicadíssima. Tudo isso exerceu sobre mim um impacto profundo. Não cheguei a perceber se ela sentiu ou se ressentiu desse efeito. Convencido de que era a mulher ideal para mim, desse dia em diante passei a viver o drama do amor contido, pois, como poderia eu ter a coragem para me abrir confessando os meus sentimentos, pois, tratava-se de uma família rica, de grande destaque na alta sociedade do País. Naquele tempo, o casamento de uma filha era problema tão grave que nele se envolviam não apenas os pais. Mas tios, tias, padrinhos, madrinhas, avós e avós, bisavós discutindo as repercussões possíveis nos círculos das relações não só de parentesco e amizade como até e, às vezes, com primazia no campo das religiões. E, de maneira geral, as questões raciais.

Passei o ano em profunda hesitação fazendo os maiores esforços para não deixar ninguém perceber meu estado de espírito e, até certo tempo em diante, deixei de aceitar a participação já praticamente invariável no jantar da família, interrompendo o estudo uma hora pelo menos antes da habitual e aproveitando o fato de pai e filha chegarem quase em cima da hora. Ela, estudante, também vinha de suas aulas, pois, eram na parte da tarde e ele, de seus compromissos também prolongados. Assim, já não me encontravam. O irmão não notara o fato porque éramos tão íntimos que um dizia ao outro: "não vou fazer isto aqui". A coisa era ouvida como fato natural que não carecia de justificação. E assim, pude manter com ele os contatos sem que ele desconfiasse qualquer situação impeditiva. Mas depois de hesitar, decidi dirigir-me a ela. Levei dias imaginando como falar-lhe. Em casa, impossível. Da rua, por telefone, difícil. Por escrito, seria possível cair o documento em

mãos da família criando uma situação de embaraço. O único meio foi ir ao seu encontro, esperá-la no ponto do bonde. Ficamos, os dois, sem confirmar a conversa. Ela apenas disse: 'Adeus'.

[Quando Lima saiu de sua confissão foi como se acordasse repentinamente, para rematar:]

— Ela se casou. Mas vai ficar viúva. E ainda se casará comigo."

"A obra deste escritor é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte. É essa espécie de refundição artística o que realmente importa ou importa antes do mais no estudo de tal obra, o que de fato vai valorizar as idéias nelas expressas ou a crítica social, onde apareça.

... De passagem cabe observar como Cassi, vicioso até a medula, não tem todavia o vício que Lima Barreto admitiria com complacência nos próprios inimigos: ao contrário do que ocorre com alguns dos personagens realmente 'simpáticos' como o velho Meneses, por exemplo, ou como Leonardo Flores, é avesso à bebida e nunca foi visto embriagado. A propósito lembra-me nitidamente, dentre as poucas e confusas recordações que me ficaram de Lima Barreto, quando o conheci pessoalmente no último ano de sua vida, este comentário bem expressivo, apesar de toda a reserva irônica que comporta:

— Poeta era o Verlaine. Bebia como uma cabra."

(Sérgio Buarque de Holanda in prefácio de Clara dos Anjos)

"Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação